



**Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, ao jornal Financial Times
Londres-Inglaterra, 4 de novembro de 2009**

Obs: Por falha na gravação, não foi possível reproduzir integralmente a entrevista do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, ao jornal inglês Financial Times. Esta é uma tradução da edição feita pelo referido jornal e publicada em 04.11.2009, em Londres-Inglaterra.

Jornalista: Presidente, diga-me, como foi que o Brasil saiu desta crise econômico-financeira global tão rapidamente?

Presidente: Bem, em primeiro lugar, acredito que é importante que vocês compreendam o que aconteceu no Brasil antes da crise. Nós estávamos determinados a acabar com a paralisia que o Brasil sofreu nas décadas de 80 e 90. O Brasil tinha que voltar ao caminho do crescimento e investir em infraestrutura, como uma pré-condição para o sucesso nas décadas futuras. Uma coisa importante é que muitas das medidas que alguns países adotaram após a crise, o Brasil tinha adotado em janeiro de 2007.

Deixe-me contar a vocês uma coisa que vai soar como uma ironia do destino. Eu estava com medo de concorrer para um segundo mandato. Não estava feliz com a idéia de concorrer novamente. Por que? Porque tinha a impressão de que um segundo mandato poderia ser apenas a repetição do primeiro. Faltaria motivação e as coisas poderiam não correr bem, e tudo o que você conseguiu fazer no primeiro mandato poderia não ser suficiente para lhe sustentar em um segundo mandato. E eu ainda tinha muito viva em minha memória o fracasso do Fernando Henrique Cardoso em seu segundo mandato. Isso ainda estava em minha memória.



Muito bem. Em 2006, discutindo o segundo mandato, eu disse aos meus companheiros que era necessário começar 2007 com um programa de investimentos que nos mantivesse ocupados pelos próximos quatro anos. E preparamos o PAC, Programa de Aceleração do Crescimento. O PAC era para ser lançado em 2006. Mas um de meus assessores em Comunicação aconselhou-me a não lançá-lo em 2006, porque ele poderia ser visto como parte da campanha política durante as eleições e perderia credibilidade junto à população.

E meus assessores disseram: “O senhor não precisa do Programa de Aceleração do Crescimento para vencer esta eleição, as eleições presidenciais de 2006”. Portanto, o PAC teve que ser lançado depois das eleições, e foi o que fizemos em 22 de janeiro de 2007. E o PAC foi uma das razões principais para que a crise chegasse tarde ao Brasil, e é um dos motivos pelos quais ela acabou primeiro no Brasil; porque, para um país desenvolvido, US \$300 bilhões de investimentos não é nada, mas para um país do tamanho do Brasil, que não estava acostumado a fazer tais investimentos, investimentos públicos, um programa governamental de investimentos para quatro anos de US\$ 300 bilhões era um desafio extraordinário.

Então, o que aconteceu realmente foi que, quando a crise chegou, o Brasil já estava fazendo muitos investimentos que outros países apenas começavam a discutir naquele momento. O Brasil já estava fazendo esses investimentos. As coisas já estavam a caminho, e em uma reunião com meu ministro da Fazenda, com o presidente do Banco Central, com o ministro do Planejamento, eu disse a eles que nós tínhamos que tratar a economia como se estivéssemos em tempo de guerra.

Que não havia tempo a perder com reuniões e ouvindo a conversa de muitas pessoas. As medidas anticíclicas tinham que ser implementadas imediatamente. E nós tínhamos a participação do Congresso. Isso era muito importante por causa de todas as medidas, todos os projetos que tínhamos



enviado ao Congresso para enfrentar a crise. O Congresso as aprovou muito rapidamente. Mesmo a oposição aprovou nossas medidas muito rapidamente, numa demonstração clara de que todos estavam profundamente preocupados com os efeitos da crise em nosso país.

É importante lembrar que, em 22 de dezembro de 2008, eu fiz uma coisa que nunca imaginei que faria. Havia muito pânico ocorrendo na imprensa e na mídia sobre os Estados Unidos, sobre o que estava acontecendo na Grã Bretanha, na Europa, e na crise internacional, e todo mundo dizendo que o consumo iria cair. Então, fiz um pronunciamento em uma rede nacional de TV, um pronunciamento de nove minutos, para convocar o povo brasileiro a comprar mais, a consumir mais de uma maneira responsável. Havia a idéia de que o trabalhador não estava comprando mais porque estava com medo de perder o emprego e não poder pagar suas prestações, suas contas. Então, eu fui à televisão para dizer que era compreensível que ele ficasse com medo de perder seu emprego, mas que era certo que ele perderia seu emprego se parasse de comprar. Portanto, era necessário que, dentro do orçamento de cada um, comprássemos tudo que estivéssemos interessados em comprar.

Ao mesmo tempo, nós demos isenção de impostos para a indústria automobilística, para eletrodomésticos da linha branca, geladeiras, máquinas de lavar, fogões, e materiais de construção. E por último, e não menos importante, nós anunciamos um programa para a construção de um milhão de casas para grupos de baixa renda, das quais metade se destina a grupos de renda muito baixa, de zero a três salários mínimos. E colocamos R\$100bi, que equivalem a \$50bi mais ou menos, no Banco Nacional de Desenvolvimento, um banco estatal, de forma que ele pudesse financiar os projetos de desenvolvimento.

Nós liberamos outros R\$ 100 bilhões dos depósitos compulsórios, que os bancos têm que manter no Banco Central, para ampliar o fluxo de crédito.



Nós fizemos com que os bancos estatais comprassem carteiras de bancos pequenos, que foram utilizados para financiar a compra de carros usados, e nós tivemos a iniciativa de comprar dois bancos importantes: o banco de poupança do estado de São Paulo e 50% do Banco Votorantin, que é um banco privado.

Por que fizemos isso? Porque o mercado de carros usados estava paralisado, sem nenhuma venda. Se você não vende um carro usado, você não compra um carro novo, e o Banco do Brasil, que é um banco estatal, não tinha nenhuma experiência nessa área, a de financiamento de carros usados; portanto, em vez de treinar seu pessoal no aprendizado de como financiar carros usados, nós compramos um banco que tinha grande experiência no mercado de carro usado; nós compramos 50% desse banco.

E hoje, graças a Deus, o mercado está normalizado e a indústria automobilística no Brasil está vendendo carros novos.

Nós também enfrentamos um problema muito sério com a venda de caminhões, e eu queria renovar a frota de caminhões no Brasil. Portanto, agora nós desenvolvemos um programa de financiamento para possibilitar às pessoas comprar caminhões novos sob condições altamente vantajosas. De forma que o motorista freelancer, autônomo, pudesse comprar seu próprio caminhão.

Em julho do ano passado, nós lançamos um outro programa, chamado Mais Alimentos, e financiamos a compra de 60 mil tratores e 300 mil máquinas agrícolas para a agricultura familiar.

Jornalista: Presidente, voltando ao cenário maior por um momento, o senhor disse que estava preocupado com o seu segundo mandato. Muitos financistas internacionais e os mercados em Wall Street estavam preocupados com o seu primeiro mandato. Eles o interpretaram mal? Que tipo de socialista o senhor é?



Presidente: Em primeiro lugar, eles de fato me interpretaram mal. Se as pessoas lessem a minha biografia, acompanhassem a forma muito responsável com que conduzi os negócios no sindicato dos trabalhadores no Brasil, e se as pessoas considerassem o fato de que eu perdi três eleições no passado, e que eu esperei 12 anos, isto é tempo suficiente para o partido amadurecer - e para o candidato amadurecer. E eu era o único candidato no Brasil que não podia falhar. Eu não podia me dar ao luxo de cometer erros. Não podia fazer o que [Lech] Walesa fez na Polônia, ou nunca mais um trabalhador poderia ser eleito presidente novamente. E eu estava trabalhando com a idéia de que eu precisava ter sucesso, para que outros trabalhadores pudessem ter os mesmos sonhos que eu, e que eles pudessem também concorrer à Presidência. Portanto, eu estava trabalhando obsessivamente com a convicção de que não podia cometer erros.

Portanto, no nível internacional, eu acredito que eles fizeram uma análise sociológica precipitada. Eles pré-julgaram minha pessoa, meu partido, e as possibilidades. Os melhores intelectuais do Brasil estavam me apoiando. Eu tinha ao meu lado a maioria dos movimentos sociais. Eu tinha o apoio da maioria do movimento dos trabalhadores. Eu tinha, ao meu lado, grande parte da esquerda do Brasil. Eu também tinha, ao meu lado, o que estava faltando para eu vencer as eleições nos anos anteriores, e que era um grande empresário como meu vice-presidente. Ter alguém da classe empresarial como meu futuro vice-presidente era uma condição para eu vencer cerca de 20% dos votos que tinham me faltado em cada eleição no passado.

Portanto, eu trouxe para ser meu vice-presidente uma pessoa que eu considero o melhor vice-presidente do mundo, um homem do meio empresarial que tem hoje a maior companhia têxtil do mundo. Ele foi meu vice-presidente e me ajudou a quebrar os tabus e todo o preconceito do mundo empresarial. Esta foi uma ação importante que só depois das eleições alguns setores empresariais começaram a compreender. E, aqui, eu quero dizer de público



que Gordon Brown foi alguém muito importante, uma pessoa muito importante, porque durante todo esse tempo ele confiou no Brasil, e sempre falou bem de meu governo. E o diretor-gerente do FMI, eu me lembro de um encontro em Paris, em 2003, quando eu estava falando com [Horst] Köhler sobre o Brasil, sobre minha vida. Isso foi quando eu tinha menos de um mês na Presidência. E subitamente, nós estávamos nos abraçando e chorando.

Jornalista: O quê, o senhor e Köhler?

Presidente: Sim, em Paris, em 2003, janeiro de 2003. Portanto, houve muita compreensão de alguns líderes internacionais, apoiando nossas políticas, diferentemente de outros momentos. Todos que vinham nos visitar tomavam conhecimento do esforço que estávamos fazendo e então começavam a falar bem do Brasil no mundo inteiro. Deste modo, os mercados se tornaram um pouco menos preconceituosos e [Jacques] Chirac foi uma figura muito importante que me deu apoio. Olhe, eu estou falando de pessoas da direita.

Jornalista: O senhor persuadiu [George] Bush?

Presidente: Sim. Eu sou grato ao presidente Bush. Lembro-me muito bem, como se fosse hoje. No dia 10 de dezembro de 2002, antes da posse, eu fui à Casa Branca, para conversar com o presidente Bush. Bush estava falando da guerra do Iraque, da futura guerra do Iraque, de forma muito obsessiva, e dizendo que estava combatendo o terrorismo... ele falava muito francamente. Depois de 40 minutos, eu disse ao presidente Bush: “Presidente Bush, o Iraque está a 14 mil quilômetros distante do meu país. Eu não tenho nada contra o Iraque, mas tenho uma outra guerra para travar no Brasil. É a guerra para acabar com a fome em meu país. Esta é a minha prioridade”. Portanto, daquele dia em diante, fizemos uma amizade muito boa. Eu me tornei amigo de Bush.



Jornalista: Presidente, eu quero fazer uma outra pergunta sobre economia, mas muito resumidamente: o senhor mencionou a incrível coalizão que o ajudou a vencer o seu primeiro mandato. Essa coalizão se manterá unida quando o senhor deixar a Presidência?

Presidente: Sim.

Jornalista: Por que?

Presidente: Sim, e nós estamos construindo essa coalizão. Em primeiro lugar, porque eu sei que, quem quer que seja o próximo presidente, não conseguirá mudar todas as realizações que vêm beneficiando a sociedade brasileira. Em segundo lugar, porque eu tenho uma candidata muito boa, ela é muito competente e conhece o Brasil muito bem. Muito poucas pessoas conhecem o Brasil como ela. Ela é a grande administradora do sucesso de nosso governo.

Jornalista: Mas ela não tem o seu carisma, Presidente.

Presidente: Mas ela terá que adquiri-lo. Uma coisa que eu acho importante é que, se eu conseguir eleger a Dilma, minha grande contribuição será deixá-la desenvolver seu próprio estilo, desenvolver sua própria maneira de fazer as coisas.

Jornalista: O senhor alguma vez pensou em um terceiro mandato? Eu pergunto porque acabo de passar uma hora e meia com o presidente [Álvaro] Uribe.



Presidente: Eu comecei a entrevista dizendo que tinha medo de um segundo mandato. Acredito que o candidato que consegue passar por uma [segunda] eleição não tem o direito de pensar em um terceiro mandato, porque o candidato, uma vez eleito tem direito a um segundo mandato.

Jornalista: Vamos voltar à economia. Este crescimento que o senhor está vendo é sustentável ? Ele é dependente demais das *commodities*?

Presidente: Não, ele não é dependente das *commodities*. É um crescimento sustentável que envolve muitas indústrias diferentes. As *commodities* são importantes. O setor industrial é importante. As exportações são importantes. A indústria naval e a indústria da construção civil são importantes. A indústria petroquímica é importante. Isso quer dizer que nós tomamos a decisão de fazer do Brasil uma grande e verdadeira economia, e Deus tem nos ajudado de duas formas, basicamente. Em primeiro lugar, porque o mundo continuará a precisar de mais alimentos, e o Brasil tem todas as condições apropriadas para produzir parte desses alimentos. Em segundo lugar, porque nós acabamos de descobrir petróleo em abundância e nós não queremos utilizar o petróleo da maneira como tradicionalmente outros países o têm utilizado, sermos apenas meros exportadores de óleo cru e não combinado com o desenvolvimento interno. Portanto, nós estamos desenvolvendo um fundo dentro do novo marco regulatório da indústria do petróleo, apenas para cuidar especificamente...

Jornalista: O senhor não está preocupado com o fato de a mão do Estado estar demasiadamente pesada?

Presidente: Não. Não estou. Nós estamos desenvolvendo um fundo com o objetivo de investir em educação, ciência e tecnologia, saúde, cultura e meio ambiente. Estas são as prioridades. É um fundo que será investido nos mercados e nós gastaremos todos os investimentos que temos neste fundo.



Não vamos gastar o dinheiro do fundo. Queremos ser exportadores de derivados do petróleo e não exportadores de petróleo, porque queremos desenvolver uma indústria petrolífera forte e uma indústria naval forte, tudo junto. Queremos construir nossas próprias perfuradoras, nossas próprias plataformas marítimas e nossos próprios navios. E queremos desenvolver uma forte indústria petroquímica. Já estamos trabalhando nisso.

Jornalista: A Petrobrás é uma companhia de padrão internacional. Nós sabemos disso. Mas, ela necessitará de alguma tecnologia estrangeira aqui.

Presidente: Sim, e nós queremos isso. Queremos compartilhar nossos conhecimentos com os estrangeiros também e é por isso que fizemos todo esforço para que companhias petrolíferas ao redor do mundo desenvolvessem parcerias conosco na construção de estaleiros, de forma que pudéssemos construir coisas no Brasil.

Jornalista: Muita gente que critica o governo, mas também pessoas que não são tão críticas têm dito que há uma extensão da mão do Estado nisso. Tem havido pressão sobre a Vale, por exemplo, para investir na fabricação de aço. Como o senhor vê o relacionamento entre os setores público e privado no futuro governo?

Presidente: Acredito que se você analisar as coisas apropriadamente, eu duvido que em algum momento da história do Brasil o setor privado tenha tido mais respeito do Estado que tem hoje. Duvido que eles tenham conseguido desfrutar de tanto respeito ou que tenham feito mais dinheiro. O que eu peço à Vale é que eles deveriam transformar o minério de ferro em aço no Brasil e ao mesmo tempo ela deveria comprar o maquinário e navios de que ela precisa no Brasil, porque é desta maneira que você traz tecnologia ao país. Agora, se



—
você não faz isto, o que acontece? Nós vamos vender todo o nosso minério de ferro para a China. A China vai construir grandes navios. A China produz 540 milhões de toneladas de aço e o Brasil produz apenas 35 milhões de toneladas. E precisamos exportar um pouco de valor agregado também.

Jornalista: Presidente, em termos econômicos, o senhor se considera um patriota? Ou um nacionalista?

Presidente: Eu sou um patriota, em termos econômicos. Eu gosto desse termo. Sim, eu gosto disso. Isso me agrada. Você tem que pensar no futuro do país. Minério de ferro e petróleo, essas são coisas que se esgotam, então se você não tiver cuidado, logo você exaure o recurso e aí você fica órfão. Então, o que você precisa fazer? Temos que tirar vantagem deste momento e construir uma base industrial que seja mais sólida e segura no Brasil. Não estamos cometendo nenhum pecado. Nós queremos ser um país mais industrializado.

Jornalista: Não é um pecado, mas as pessoas querem compreender que forma de Estado existirá no futuro. Qual será o tamanho do papel do Estado ao se definir o futuro da economia do Brasil?

Presidente: Minha visão do Estado é que essa discussão sobre o Estado...na minha opinião, a discussão costumeira sobre o papel do Estado terminou depois da crise global. Durante muito tempo, em todo o mundo, mesmo no Brasil, as pessoas diziam que o Estado tinha fracassado e os mercados controlariam tudo. E no Brasil, você sabe, eles até pensavam que o mercado deveria regular até mesmo a educação, o que é uma idéia absurda. Então, em primeiro lugar, e eu quero deixar isto claro aqui, eu sou contra o Estado ser o que comanda a economia. Sou contra essa idéia. O Estado tem que ser forte, mas como um catalisador da economia, como uma entidade que impulsiona o



desenvolvimento no nível regional, em nosso país. E o Estado deveria, ao mesmo tempo, exercer a supervisão de boas práticas; as boas práticas políticas e econômicas. E nós podemos dar um exemplo. Por que o sistema financeiro do Brasil não faliu com a crise? Por que ele é fortemente regulado.

Jornalista: Porque não tem muitos loiros de olhos azuis.

Presidente: É importante esclarecer isto, porque quando eu falei do cabelo loiro e dos olhos azuis, quando a crise surgiu, eu estava reagindo a comentários de pessoas que culpavam migrantes e imigrantes pela crise. Pobres da África e de todo o mundo vão pagar pela crise e não foram eles que a produziram. Portanto, foi por isso que eu disse que esta crise não é uma crise dos pobres; ela não está vindo dos pobres, ou dos latino-americanos, ou dos africanos. Esta crise está vindo dos ricos de olhos azuis. E eu disse isso com o Gordon Brown em meu palácio, no palácio presidencial. Você sabe o que eu fiz no Brasil dois meses atrás? Eu legalizei todas as pessoas que estavam sem documentos no Brasil; pessoas sem documentos no Brasil, todas elas, para dar uma demonstração clara aos países ricos que nós não temos que perseguir os pobres por causa de uma crise econômica e que eles não têm que ser responsabilizados.

Agora, por favor, preste atenção a isto. Você pode imaginar, se todos os países ricos aplicassem 10 por cento do dinheiro que eles gastaram com a crise global para resgatar o sistema financeiro em uma política de ajuda aos países mais pobres do mundo? Os países ricos dizem que eles não podem dispor de recursos para fundos de assistência à pobreza em países pobres. Mas, para salvar seus bancos, eles acharam trilhões e trilhões. Se eles tivessem pago uma parcela disso aos países pobres, o mundo estaria melhor. O dinheiro que eles não tinham para ajudar os países pobres, de repente apareceu. Trilhões e trilhões de dólares apareceram para resgatar o sistema financeiro que tinha falido de forma irresponsável. Então, eu acredito que isto



deveria servir de alerta a todos nós. O Estado não pode controlar tudo ou intrometer-se em todos os assuntos, mas você não pode manter o Estado fora de tudo também, como era nos anos 80 e 90.

Jornalista: Perdoe-me Presidente, por minha brincadeira, mas eu gostaria de citar algo mais que o senhor disse relacionado à política externa que eu achei maravilhoso, que é o seguinte: o senhor disse, quando começou como sindicalista que se houvesse um problema no Brasil, o senhor culparia o Governo. Depois, quando o senhor se tornou um líder sindical, se houvesse um problema no Brasil, o senhor culparia o Governo. Mais tarde, quando o senhor estava concorrendo para presidente como um candidato da oposição, se houvesse um problema, o senhor culparia o Governo. Mas depois, quando o senhor se tornou Presidente do Brasil, se houvesse um problema em seu país, o senhor culparia os Estados Unidos.

Presidente: Não, eu não vou para o inferno por esse pecado. Eu nunca transferei aos outros minha responsabilidade. Quando eu era um líder trabalhista eu culpava menos o Governo porque eu era um líder dos metalúrgicos. Isto não tinha nada a ver diretamente com o Governo, tinha a ver diretamente com a classe empresarial. Quando eu lutava contra o Governo, era porque eles não forneciam informação sobre as taxas de inflação. Eles ocultavam essa informação ou mentiam; ou quando o Governo proibia os trabalhadores de se reunirem e de fecharem um acordo. Eles queriam intervir na mesa de negociações. Mas, minha luta naquele tempo era contra os empregadores, não contra o Governo.

É verdade, sim, que todos que estão na oposição colocam a culpa no Governo. É verdade. Eu fiz isso também. Mas por favor, eu nunca pus a culpa no imperialismo yankee e muito menos em outros países ricos, porque a culpa - porque o Brasil é o que é - a culpa deve ser colocada na elite brasileira, na



elite política e econômica. Esses são os que devem ser responsabilizados. Pessoas que não tinham uma cabeça para pensar sobre assuntos sociais...Elas não pensavam o país como um todo e por séculos se submeteram a outros interesses, subservientes.

E eu venho dizendo a muitos líderes, líderes políticos na América Latina: “Parem de por a culpa nos outros. Olhem para dentro de seu país; para o que acontece dentro de seu país. O que acontece com a classe política de seu país? Olhem para eles. Como o setor empresarial se comporta em seu país?” É muito fácil transferir suas responsabilidades aos outros, colocar a culpa nos outros.

Jornalista: O senhor mantém boas relações com os outros países da América Latina que seguem políticas diferenciadas em relação às suas, e têm idéias diferentes das suas.

Presidente: Bem, eu carrego comigo uma lição que eu aprendi. Lembro quando o presidente Nixon, em 1973, decidiu tornar a China um parceiro comercial preferencial. Eu acredito no convívio com a diversidade de opiniões. Não temos o direito de achar que outras pessoas deveriam pensar como nós. Temos que trabalhar muito e a democracia possibilita ter relações pacíficas com países diferentes. E veja o quanto isto é extraordinário. Nós temos relações excelentes com a Colômbia e o Peru, temos excelentes relações com a Venezuela e a Bolívia. Por que faço isso? Porque para mim as diferenças entre nós são frequentemente históricas. Nós ainda temos muitos problemas que herdamos do século XIX, na América Latina: fronteiras, questões de terras fronteiriças, questões marítimas.

Então, qual é o papel de um país que é a maior economia, o maior em população e tem muito mais tecnologia? Qual é o papel que o Brasil deveria desempenhar? Não se trata de estabelecer uma política hegemônica em



relação a outros países. Em vez disso, o Brasil deve estabelecer um relacionamento democrático de modo que as pessoas possam ver que não estamos interferindo ou intrometendo em suas políticas internas ou em sua soberania, em sua política soberana. Você não pode colocar as pessoas contra a parede. É muito importante compreender que... Eu sempre digo que o Brasil não deveria trabalhar em prol de uma hegemonia, mas apenas na construção de parcerias, porque durante o século XX ou durante pelo menos dois terços do século XX, a política estatal dos EUA era no sentido de convencer os países sul-americanos de que o maior império era o Brasil.

Portanto, olhe para este paradoxo. Os empresários bolivianos tinham medo dos empresários brasileiros, mas não tinham medo dos empresários norte-americanos. Os empresários mexicanos tinham medo dos empresários brasileiros, mas não tinham medo dos empresários norte-americanos. O Chávez era professor da academia militar e ele diz isso publicamente, que em suas aulas, ele dizia que os militares venezuelanos deveriam ficar muito alertas contra o império brasileiro. Em política, você aprende somente a teoria de Maquiavel: dividir para conquistar. No Brasil, no meu Governo, nós começamos a reconstruir a confiança na América do Sul, porque você não pode desenvolver política sem confiança. E graças a Deus, estamos conseguindo fazer isso.

Jornalista:- Os BRICs são quatro países com os seus próprios interesses, até divergentes. O senhor pensa que esse grupo faz sentido?

Presidente: Sim, faz sentido. O melhor exemplo que eu posso dar é a União Européia. Parecia impossível, há trinta anos, imaginar que a União Européia teria o resultado que teve. Por quantos anos a França foi bombardeada pela Alemanha? E aí, de repente, todos esses países estão juntos, e agora decidiram eleger um Presidente da União Européia e um ministro dos negócios



estrangeiros. Isso é fantástico. Quem poderia imaginar que a Alemanha elegeria uma mulher da Alemanha Oriental para Chanceler [Federal]?

Então, é por essas coisas positivas que temos que trabalhar. É como quando se conhece uma namorada nova. Se você olha só os defeitos dela, não vai dar em nada. Mas se você olha o lado positivo, acaba se casando. E em política, temos que saber que existem divergências entre os BRICs, mas temos que deixá-las de lado. Colocar as divergências de lado e começar a trabalhar nos pontos que podemos contribuir juntos - é assim que vamos conseguir construir uma aliança forte entre os BRICs. Não é exigindo que alguém faça concessões em algo que acreditam. Queremos desenvolver coisas novas que possam ser objetivo de todos. Deixe-me dar um exemplo.

Sugeri, na última reunião dos BRICs, que foi a primeira em Ecatimburgo, que nós deveríamos começar a fazer comércio em nossas próprias moedas. Não precisamos do dólar. Podemos usar nossas próprias moedas domésticas em nosso comércio, isso ajudaria acima de tudo nossas pequenas e médias empresas, e os bancos centrais podem dar a garantia. Qual é o problema? Não há problema. É uma questão cultural porque estamos acostumados a usar o dólar, mas isso pode mudar. E é uma mudança extraordinária para os países que precisam comprar dólares. Agora, com a crise, tivemos que usar nossas reservas para garantir nossas exportações por causa da crise de crédito.

Jornalista: Ninguém imaginaria... O senhor até emprestou dinheiro para o FMI. É uma ironia histórica.

Presidente: A ironia foi quando chamei o Rato no FMI e disse que não queria o dinheiro do Fundo. Ele disse “não, precisamos emprestar dinheiro ao Brasil. O Brasil precisa de empréstimos. O Brasil deve manter seus empréstimos com o FMI. É muito importante para mim mostrar que o Brasil...”. Eu disse não, não



quero seu dinheiro. E ele ficou chateado quando devolvemos os US\$ 16 bilhões que pegamos emprestados. E eu continuo trabalhando com a idéia de que vamos conseguir chegar ao final do meu mandato com uma inflação de 4%. Há pouco tempo eu costumava sonhar com um acúmulo de US\$ 100 bilhões em nossas reservas internacionais. Logo chegaremos a US\$ 300 bilhões.

Jornalista: Vamos falar de Copenhague. O Brasil está em uma situação incomum. Tem uma matriz energética limpa e pode cortar suas emissões reduzindo o desflorestamento. Mas isso é muito difícil para outros países emergentes? O que o Brasil pode oferecer em termos de liderança?

Presidente: O Brasil vai com cuidado e com muita responsabilidade a Copenhague. Primeiro, eu já assumi o compromisso, em setembro, na ONU, de estabelecer uma meta, um objetivo, de reduzir o desflorestamento em 80% até 2020. E o Brasil tem outras coisas que pretende fazer. Primeiro, porque 85% de nossa energia elétrica é limpa. E do total da nossa matriz, 47% é limpo. Nenhum outro país tem essa energia limpa. O Reino Unido tem apenas 2% de energia limpa. O Brasil entende a realidade de cada país, e o Brasil não vai adotar um discurso fácil apenas para pressionar os outros. Não, vamos mostrar em Copenhague o que é o objetivo do Brasil e que não queremos impor nossos objetivos e nossas metas aos outros países.

As metas do Brasil são metas do Brasil, mas vamos trabalhar para construir um consenso possível para os outros países.

Acredito que algo importante já está acontecendo. Todo mundo concorda que todos nós temos que fazer alguma coisa. Acho que se cada um fizer sua parte, podemos evitar a morte do planeta. Temos um processo de aquecimento de 2 graus nos últimos 30 anos. Estamos tentando trabalhar com a idéia, junto com outros países, e, certamente, minha conversa com o



Primeiro-Ministro Gordon Brown esta noite será sobre assuntos ambientais. Já falamos com os EUA, com a França e com a Alemanha. No dia 26 de novembro, terei uma reunião com os países amazônicos em Manaus, capital do Amazonas. Já temos o mapeamento agro-ecológico da zona canavieira para a floresta, e agora estamos pesquisando como recuperar a terra degradada no Brasil, e estamos fortalecendo nossa política de biodiesel. Acabamos de adotar para 1º de janeiro o diesel B5 para o ano que vem. Teremos 5% de biodiesel no óleo diesel.

Jornalista: O que o senhor vai pedir para o Gordon Brown?

Presidente: o Brasil não vai pedir nada.

Jornalista: E o que o Gordon Brown vai pedir ao Brasil?

Presidente: O Reino Unido sempre foi, e vai continuar sendo, um ator internacional. Acredito que o Reino Unido deve trabalhar com a idéia de a Europa avançar um pouco mais, em termos de incluir o biodiesel no óleo diesel e em termos de redução do aquecimento global. Deve haver um fundo para financiar os países mais pobres. Isso desenvolverá um trabalho extraordinário de seqüestro, de seqüestro de carbono.

Jornalista: Seria como o Fundo para a Amazônia, do Brasil?

Presidente: Seria algo similar ao fundo amazônico. Iremos para a reunião com as mentes abertas, então podem aparecer outras boas propostas. Acho que não é hora para radicalismos. O bom senso deve prevalecer. Se quisermos fazer apenas um discurso ideológico, um discurso fácil, vamos ganhar alguns



aplausos, mas nenhum resultado. E agora não é hora de culpar quem quer que seja. Agora é hora de achar uma saída.

Jornalista: Senhor Presidente, muito obrigado.

(\$31DHJMQ)